

Sobre modos, velhos e novos, de dizer sobre didática da filosofia desde a universidade brasileira

Elisete M. Tomazetti

Como citar: TOMAZETTI, E. M. Sobre modos, velhos e novos, de dizer sobre didática da filosofia desde a universidade brasileira. *In*: RODRIGUES, A.; GELAMO, R. P. **Percepções sobre o ensino de filosofia:** registros de um tempo e seus movimentos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p 53-86.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-191-1.p53-86>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Sobre modos, velhos e novos, de dizer sobre didática da filosofia desde a universidade brasileira

Elisete M. TOMAZETTI

Introdução

A relação da comunidade filosófica com a didática da filosofia tem se alterado nas últimas décadas no Brasil. Este fato pode ser justificado em grande parte pela obrigatoriedade da filosofia no currículo do ensino médio, alcançada com a homologação da Lei 11.684, de 02 de julho de 2008, após longo período de lutas e enfrentamentos de professores/as e estudantes de filosofia com os agentes do Estado. As questões pedagógicas e didáticas acerca do ensino da filosofia aos poucos deixaram de ser consideradas como um caso de “contaminação”² e passaram a ser tomadas como um “mal menor”³ para professores e professoras de cursos de licenciatura

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: elisetem2@gmail.com

² Essa expressão – contaminação – foi retirada do livro *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*, 2009, de Lídia Maria Rodrigo, ao se referir às pesquisas de Michel Tozzi e sua relação com pesquisadores/as das ciências da educação. Ela diz: “Alguns professores franceses acusam outros colegas de ‘contaminar’ a filosofia, introduzindo na prática de seu ensino princípios e métodos extraídos das ciências da educação (Tozzi, s/d)” (RODRIGO, 2009, p. 30, grifos nossos).

³ Guillermo Obiols, em seu livro, *Uma introdução ao ensino da filosofia*, publicado no Brasil em 2002, traz como um subitem do capítulo 2 a frase – O ensino da filosofia como o mal menor. Nele dá destaque ao modo como alguns filósofos como Abelardo, Schopenhauer, Etienne Gilson consideraram o ensino da filosofia na sua vida profissional. “[...] é possível reconhecer nestes filósofos uma posição drástica frente ao ensino da filosofia: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-191-1.p53-86>

em filosofia. O ensino da filosofia passou, a partir da primeira década dos anos 2000, a ser um problema da filosofia”. Deste modo, a afirmação: *quem domina a filosofia sabe naturalmente ensiná-la* não permaneceu com livre circulação e assentimento de filósofos e filósofas. As questões escolares, os desafios e as dificuldades que foram sendo narrados por docentes em exercício e por futuros/as professores/as em formação cobraram responsabilidade e compromisso ético e político dos cursos de licenciatura em relação à formação docente que ofereciam.

Como exemplo desta situação, no livro que resultou do *I Congresso Sul-Brasileiro de Ensino de Filosofia*⁴ foram enunciadas algumas tensões internas vividas nos cursos de licenciatura em filosofia e, por conseguinte, a percepção clara da necessidade de mudanças.

Não basta batalhar para a legislação determine a obrigatoriedade da disciplina Filosofia no Ensino Médio se os cursos de Filosofia não tiverem uma política de formação do professor de Filosofia. [...] O ensino de Filosofia deve ocupar um lugar central na reflexão dos cursos de licenciatura em Filosofia (FÁVERO; RAUBER; KOHAN, 2002, p. 9).

trata-se de um mal menor, uma moléstia, uma distração da atividade propriamente filosófica, que serve simplesmente como um recurso, mais ou menos tolerável, de subsistência” (OBIOLS, 2002, p. 93).

⁴ Entre os anos de 2001 e 2010 era realizado o Simpósio Sul-Brasileiro de Ensino de Filosofia, em universidades da Região Sul do Brasil, organizado pelo Fórum Sul de Coordenadores de Cursos de Filosofia, cujo objetivo era “não somente a troca de experiências, mas o adensamento das políticas institucionais voltadas para o crescimento do ensino de Filosofia” (RIBAS, 2005, p. 11). Para mais informações sobre o Simpósio e os livros que dele se originaram consultar a Revista *Educar em Revista* (TOMAZETTI, 2012).

[...] a formação de professores e professoras talvez seja hoje uma problemática tão complexa quanto essa do ensino de filosofia. Além do mais, seria lamentável se toda a articulação em torno da questão do retorno da Filosofia à educação escolar em nível médio não se ocupasse, inclusive da necessária formação docente (MATOS, 2002, p. 252).

O reconhecimento de professores e professoras de cursos de licenciatura em filosofia da necessidade de se começar a colocar em questão a formação que ofereciam foi cada vez mais se tornando um tema frequente. Ao mesmo tempo, a cobrança para que fossem realizadas alterações nos currículos e para que outras perspectivas de formação docente fossem assumidas não era de fácil adesão, embora algumas mudanças importantes tenham sido realizadas a partir de 2002⁵. No entanto, estudos e pesquisas sobre didática da filosofia, objeto de nossa investigação, nas universidades brasileiras, são ainda incipientes. Para compreender esse cenário é importante lembrar que a pesquisa que se realiza nas universidades brasileiras, em grande medida, está associada às disciplinas ministradas por docentes que ingressam por concurso público para atuar nos cursos de graduação e, em geral, ingressam como pesquisadores/as em programas de pós-graduação. Pesquisas sobre ensino da filosofia começaram a ser produzidas no interior dos cursos de mestrado e doutorado em

⁵ Tais mudanças são resultantes da RESOLUÇÃO CNE/CP 2, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002, que instituiu 400 horas de Estágio Curricular Supervisionado e 400 horas de Prática de Ensino ao longo dos cursos de licenciatura. O histórico modelo 3+1, ainda em vigência mesmo que não por via normativa, sofria um duro golpe, pois os cursos precisaram alterar sua estrutura curricular de modo a contemplar as questões de ensino, estágio, escola, metodologias, de modo efetivo, mesclando-se com as disciplinas de “conteúdo específico”.

Educação, a partir dos anos 1990⁶ e não, como se poderia esperar, no interior dos próprios programas de pós-graduação em Filosofia, que foram criados no Brasil nos anos 1970⁷.

As considerações acima apresentadas foram tomadas como justificativa para a realização da pesquisa de pós-doutoramento realizada em 2020⁸, cujo objetivo foi compreender a relação construída entre Filosofia e Didática no contexto universitário brasileiro que, estruturado a partir do Estatuto da Universidade Brasileira de 1931, assumiu a tarefa de formar professores e professoras para atuarem no ensino secundário. A didática, como um saber/disciplina da formação de professores/as, atravessou o século XX e as primeiras décadas do século XXI, nos diferentes cursos de licenciatura, sendo alvo de suspeitas acerca de sua importância e valor.

Temos hoje no Brasil duzentos e quarenta e oito (248) cursos de licenciatura em filosofia, entre públicos e privados⁹ e, em tese, considera-se que a Didática da filosofia seja uma disciplina obrigatória do currículo, ministrada por docentes doutores e doutoras. Mesmo assim, a produção de conhecimento sobre este saber ainda é pequena, embora a crescente realização de eventos e

⁶ Conforme Rodrigo Gelamo, no livro que resultou de sua tese de doutoramento – O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade, publicado em 2009 pela Editora da UNESP.

⁷ Conferir a página da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia – ANPOF - no endereço <https://anpof.org/anpof/programas-associados>

⁸ O estágio pós-doutoral foi realizado com a pesquisa – A emergência da didática da filosofia no discurso do ensino da filosofia no Brasil sob a supervisão do professor doutor Rodrigo Pelloso Gelamo, na Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília, no ano de 2020, quando a pandemia causada pelo novo corona vírus se abateu sobre o mundo.

⁹ Este dado foi retirado de um “relatório de consulta textual” realizado no site do MEC e será melhor apresentado na sequência deste texto.

produção de artigos e livros sobre ensino de filosofia tenha crescido bastante desde sua obrigatoriedade no ensino médio, em 2008¹⁰. Esta constatação me conduziu a pensar sobre as condições que tornaram e em grande parte ainda tornam possível esta situação. Desse modo, uma das etapas da pesquisa foi o envio de um *formulário google docs* para professores e professoras que participam do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF e ministram a disciplina¹¹ em suas universidades. O objetivo foi primeiramente identificá-los e ter acesso às suas compreensões acerca dos termos Didática, Didática da filosofia e Ensino de Filosofia, entre outros que não serão aqui tratados. O retorno dos formulários foi significativo, pois vinte e três (23) colegas enviaram suas contribuições tornando possível, então, a construção da analítica apresentada na escrita que segue.

Professores e Professoras de Didática da Filosofia

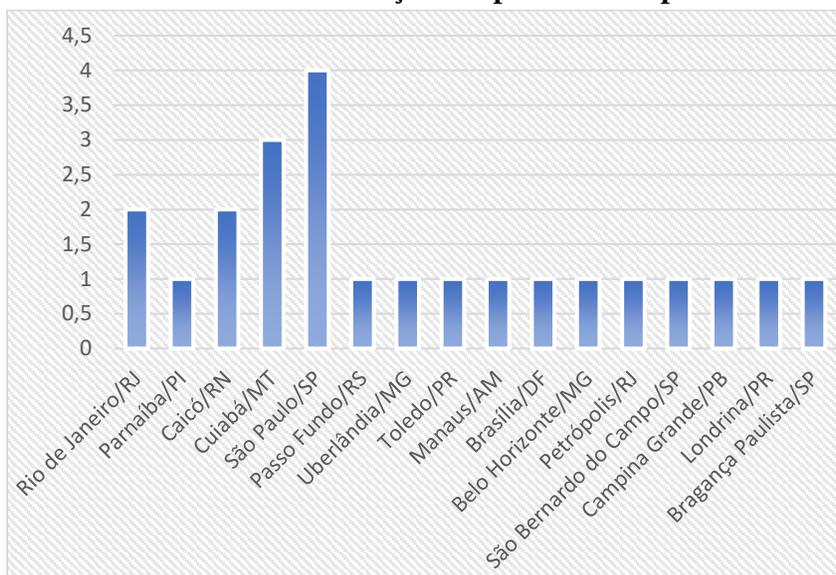
Nesta seção, nosso objetivo é localizar as instituições em que atuam professores/as de didática da filosofia e apresentar suas concepções sobre o saber/disciplina que têm sob sua responsabilidade. O gráfico 1, abaixo, indica as cidades em que estão

¹⁰ A afirmação sobre a pequena produção sobre Didática da filosofia no Brasil tem o sentido de demarcar que as produções acadêmicas discorrem mais sobre Ensino da Filosofia, embora contemple elementos da didática. Sobre didática da filosofia como uma disciplina, Angel Díaz Barriga (1998, p. 4) afirma que é uma disciplina “muy peculiar que históricamente se estructura para atender los problemas de la enseñanza en el aula”.

¹¹ Os/As professores/as que participaram da pesquisa atuam em suas instituições com questões de didática da filosofia, no entanto, nem sempre o nome da disciplina é Didática da Filosofia. Há uma variação que é mencionada ao longo do texto.

situadas suas instituições de ensino e a abrangência do estudo - todas as regiões do Brasil foram contempladas: Região Norte: Amazonas; Região Nordeste: Rio Grande do Norte, Piauí, Paraíba; Região Sudeste: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro; Região Centro-Oeste: Mato Grosso; Distrito Federal; Região Sul: Paraná e Rio Grande do Sul. Destacamos acerca das cidades, que algumas são capitais como Rio de Janeiro, Cuiabá, Belo Horizonte, e outras são cidades de médio porte e do interior dos estados, o que nos leva a afirmar que a presença de cursos de filosofia oferece condições de acesso a diferentes comunidades. Atualmente, conforme dados do MEC, (<https://emec.mec.gov.br>), o Brasil tem 359 cursos de filosofia, entre bacharelado e licenciatura, em diferentes instituições de ensino superior: universidades, centros universitários, faculdades. O caráter orçamentário destas instituições é apresentado do seguinte modo: pública federal, pública estadual, privada sem fins lucrativos, privada com fins lucrativos. No documento constam: 84 cursos de filosofia em universidades federais; 42 universidades públicas estaduais; 58 universidades/faculdades/centros universitários privadas com fins lucrativos e 173 universidades/faculdades/centros universitários sem fins lucrativos. Do total geral dos cursos de filosofia, 248 são de licenciatura e 111 são de bacharelado.

Gráfico 1 – Cidades de atuação dos professores e professoras



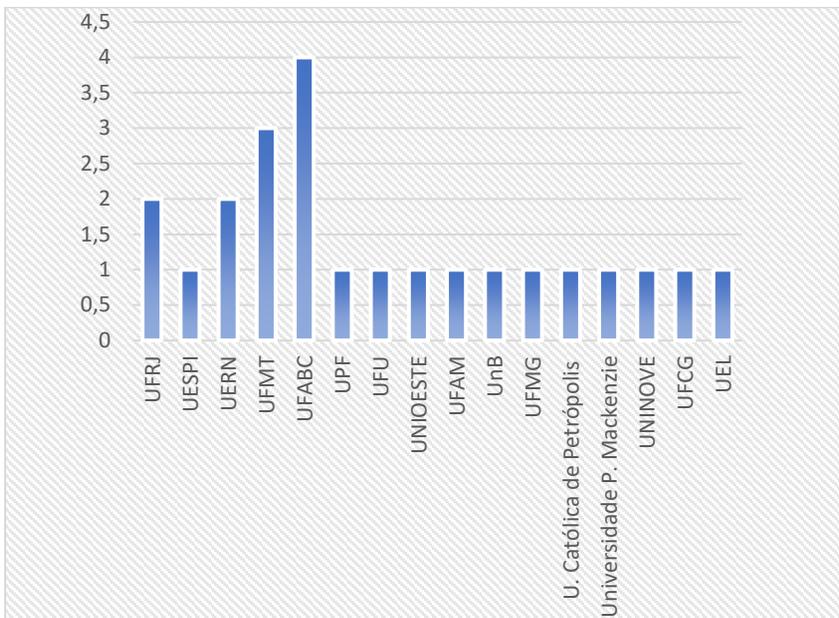
Fonte: Da autora.

O gráfico 2 apresenta as universidades a que estão vinculados os/as docentes de didática da filosofia. Treze (13) colegas atuam em universidades federais; cinco (5) em estaduais, três (3) em universidades privadas sem fins lucrativos e um (1) em universidade com fins lucrativos. O contato com eles/as foi realizado desde o GT Filosofar e Ensinar a Filosofar¹², através de convite enviado a lista de

¹² Como membro do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar, da ANPOF, desde sua criação em 2006 e participando de eventos e discussões específicas foi possível entrar em contato com colegas através da lista de e-mails do GT e convidá-los/as a participar da pesquisa através de um formulário *google docs* criado para obter informações sobre sua atuação como professores e professoras de Didática da filosofia. Vinte e três (23) colegas gentilmente preencheram o formulário, no entanto para a escrita deste texto as considerações de todos/as não foram mencionadas devido o recorte específico aqui realizado. Porém, são nomeados no conjunto maior da pesquisa realizada. A todos/as agradeço a disponibilidade em compartilhar comigo suas ideias e percepções sobre didática da filosofia.

e-mails. O não alcance de mais docentes da disciplina pode ser explicado pelo fato de muitas instituições ainda não contarem com cursos de pós-graduação *strictu sensu*, o que seria um limitador de sua participação em uma associação nacional de pesquisa em filosofia, como a ANPOF. O recorte nesse universo, todavia, representa significativamente regiões e instituições diversas do país e oferece condições para um estudo inicial acerca do tema.

Gráfico 2 – Instituições a que pertencem os/as docentes de Didática da filosofia



Fonte: Da autora.

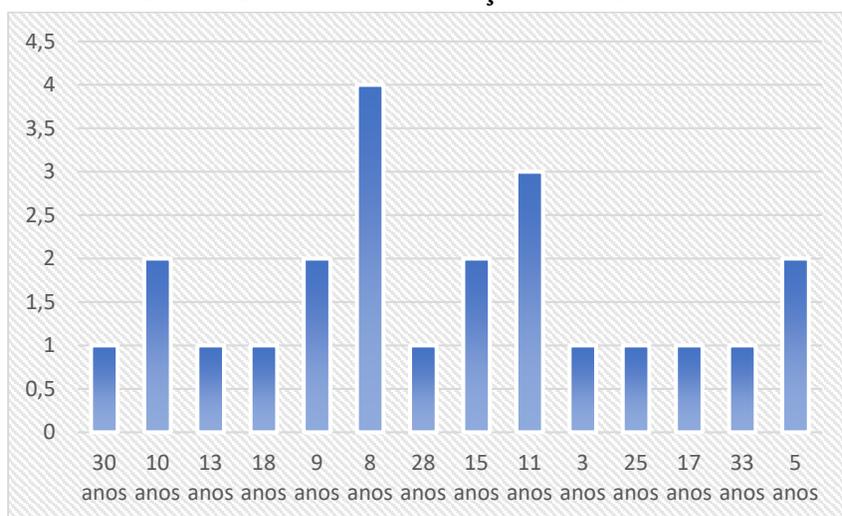
O gráfico 3 destaca o tempo de atuação dos/as docentes: quatro (4) atuam a mais de 20 anos; oito (08) atuam a mais de 10 anos e onze (11) tem menos de dez anos de serviço em suas

instituições. Chama atenção que o maior percentual é de professores e professoras com tempo de serviço de até dez anos (11). Este dado pode ser resultado da política pública do período, que gerou ampliação do ensino universitário brasileiro, denominada de REUNI¹³, criada em 2007. Esta política pública permitiu a criação de novos cursos universitários e, por conseguinte, a abertura de novas vagas para docentes. Tais vagas para professores e professoras de didática da filosofia, nas universidades federais, em grande parte, foram geradas de dentro de departamentos de filosofia e não mais de departamentos de metodologia do ensino ou de outro departamento vinculado aos centros/faculdades de educação, como historicamente ocorria¹⁴. O gráfico 3 também mostra que a maioria dos professores e professoras de didática da filosofia iniciaram sua carreira universitária em torno de 12 anos atrás e como veremos no Gráfico 4 estão lotados nos departamentos de filosofia.

¹³ O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras – Reuni - “faz parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e foi instituído em 6 de abril de 2007 pelo Decreto Presidencial n. 6.096, sob o pressuposto do importante papel das universidades federais no desenvolvimento econômico e social do país. Sua principal finalidade é reduzir as desigualdades sociais com relação ao acesso e à permanência no ensino superior” (LIMA; MACHADO, 2016). Segundo as autoras, em 2008 foi apresentado às universidades federais e teve adesão, no mesmo ano, de 59 universidades federais do país.

¹⁴ A criação de novos cursos de licenciatura em Filosofia tornou possível que vagas próprias aos departamentos de Filosofia, que historicamente eram distribuídas entre as disciplinas de “conteúdo específico”, fossem destinadas ao ensino da filosofia, constituindo novas disciplinas com este nome ou outro com Didática ou Metodologia do Ensino da Filosofia. Em alguns casos a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado também ficou sob a responsabilidade destes departamentos. Embaralhavam-se, então, as posições e os lugares de onde se passou a ensinar sobre ensino da filosofia.

Gráfico 3 – Período de atuação como docente



Fonte: Da autora.

No que tange ao departamento ou centro de ensino a que pertencem, o gráfico 4 indica que a maioria tem sua lotação em um departamento de filosofia - dos/as vinte e três (23) participantes da pesquisa, treze (13) possuem esse vínculo. Quatro (4) professores/as estão lotados em departamentos vinculados a Faculdades de Educação, mas com nomenclaturas diferentes: departamento de didática, departamento de métodos e técnicas de ensino; departamento de educação. Os/as demais professores/as indicaram sua vinculação a centros de ensino, como Centro de Ciências Sociais e Humanas, Centro de Teologia e Humanidades; Centro de Ciências Naturais e Humanas e Unidade Acadêmica de Ciências Sociais.

Estes dados dizem de mudanças importantes ocorridas no cenário da filosofia ou mais propriamente do Ensino da Filosofia no

Brasil, que estão ligadas à expansão universitária, como já mencionado anteriormente, e também à definição da obrigatoriedade da filosofia como disciplina do ensino médio, em 2008. Desse modo, os departamentos de filosofia passaram, gradualmente, a considerar as questões de seu ensino como um objeto de estudos e pesquisas que lhe é próprio¹⁵.

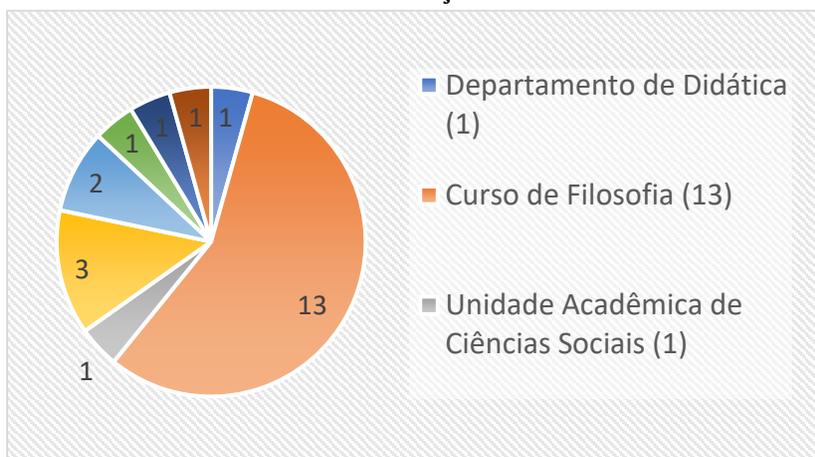
Esta situação diz respeito, de modo mais específico, às universidades federais, cujo modelo se estrutura em centros/faculdades de ensino responsáveis por diferentes áreas de conhecimento. Os cursos de filosofia, bacharelado e licenciatura e seus departamentos pertencem, de modo geral a Centros/Faculdades de Ciências Sociais e Humanas. E a área da Educação como área de conhecimento, estruturada por saberes/disciplinas, que tem como uma de suas tarefas a “formação de professores/as”, constitui os Centros/Faculdades de Educação. Essa estrutura universitária, que foi instituída pela reforma universitária de 1968¹⁶, Lei 5.540 de 28

¹⁵ A ampliação de cursos de licenciatura em filosofia, bem como do número de docentes de Didática da filosofia vinculados a departamentos de filosofia, não representou a criação de grupos de pesquisa cujo objeto de estudo específico é a Didática da filosofia e, por conseguinte, o crescimento de produções acadêmicas sobre o tema. No entanto, cabe mencionar que essa situação não ocorre com o objeto de estudo e pesquisas - Ensino da Filosofia, que por vezes se pode confundir com Didática da filosofia. Sobre isso trataremos ainda neste texto.

¹⁶ “A Reforma de 1968 produziu efeitos paradoxais no ensino superior brasileiro. Por um lado, modernizou uma parte significativa das universidades federais e determinadas instituições estaduais e confessionais, que incorporaram gradualmente as modificações acadêmicas propostas pela Reforma. Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica. Para atender a esse dispositivo, criou-se uma política nacional de pós-graduação, expressa nos planos nacionais de pós-graduação e conduzida de forma eficiente pelas agências de fomento do

de novembro de 1968, definiu que a formação pedagógica de todos os cursos de licenciatura, de diferentes centros/faculdades, seria de responsabilidade dos departamentos próprios dos centros/faculdades de Educação. Por isso, professores e professoras de didática da filosofia, até meados de 2010, estavam alocados, exclusivamente nos departamentos de Metodologia do Ensino ou com outra designação semelhante; no entanto, como referido anteriormente, esta estrutura vem se modificando.

Gráfico 4 – Unidade a que pertencem os/as docentes em suas instituições



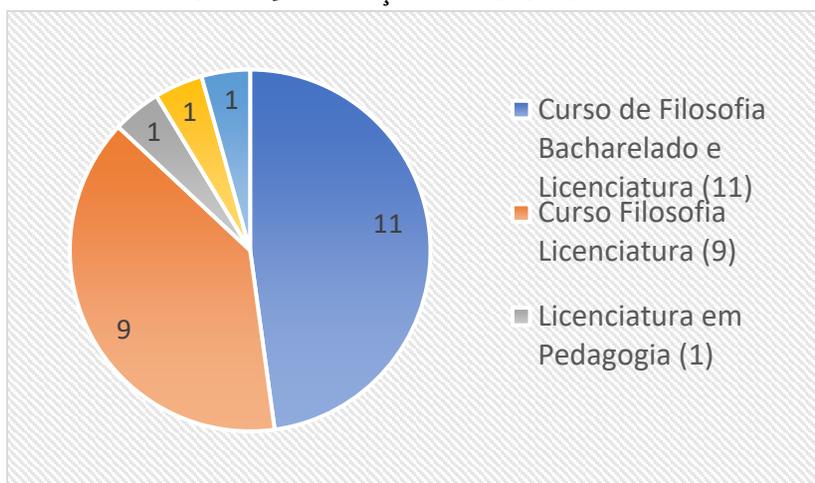
Fonte: Da autora.

O gráfico 5 apresenta a formação inicial dos professores e das professoras de Didática da filosofia, que majoritariamente é em filosofia, no entanto, nove (9) docentes fizeram curso de licenciatura

governo federal. Nos últimos 35 anos, a pós-graduação tornou-se um instrumento fundamental da renovação do ensino superior no país” (MARTINS, 2009, p. 16).

em filosofia e onze (11) são diplomados nos dois cursos: licenciatura e bacharelado em filosofia; um/a (1) docente possui apenas o curso de bacharelado em filosofia; um/a (1) docente cursou licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais e um/a (1) docente licenciatura em pedagogia.

Gráfico 5 – Formação inicial dos/as docentes

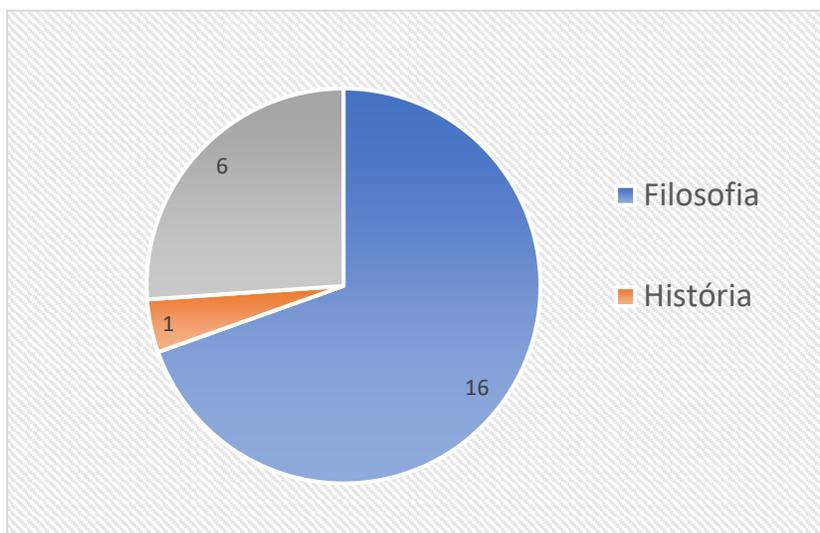


Fonte: Da autora.

Os gráficos 6 e 7 apresentam dados dos cursos de mestrado e doutorado dos/as professores/as de didática da filosofia. Majoritariamente cursaram mestrado e doutorado em filosofia. Os/as demais professores e professoras fizeram sua formação em pós-graduação em programas de Educação; apenas um (1) professor/a fez sua formação em outra área, como História (mestrado) e Difusão do Conhecimento (doutorado). Tais dados estão conectados com as observações anteriores acerca da presença crescente de docentes da

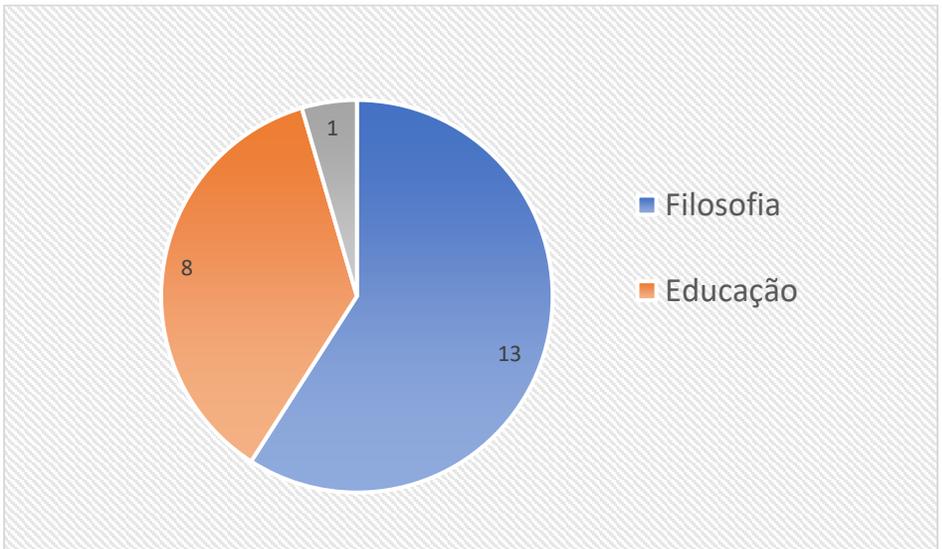
disciplina lotados nos departamentos de filosofia e, conseqüentemente, de alterações nas relações entre Filosofia e Educação, ou melhor dizendo, do envolvimento e da “captura”, que vem se ampliando, dos estudos sobre Ensino da Filosofia, didática da filosofia, pelo campo da Filosofia. Sobre esta situação, de modo inicial, pode-se inferir que os saberes que compõem o campo da Educação já não atuam de modo solitário na formação de professores/as de filosofia para o ensino médio. Também, que a expressão didática nas produções da área concorre com outra expressão - “filosofia do ensino da filosofia”, conforme apresentaremos ao longo deste texto.

Gráfico 6 – Área de conhecimento do mestrado



Fonte: Da autora.

Gráfico 7 – Área de conhecimento do doutorado



Fonte: Da autora.

Os dados expostos pelos sete (07) gráficos acima, a título inicial, dizem de alterações significativas na estrutura universitária, que acolhe professores/as – pesquisadores/as como responsáveis pela disciplina didática da filosofia, nos cursos de licenciatura em filosofia, nos últimos anos no Brasil. Essa mudança deve ser pensada a partir de um conjunto de fatores/situações de caráter político, histórico e epistemológico, que na amplitude de nosso estudo vem responder à pergunta pelas condições que têm tornado possível o reconhecimento e a visibilidade da didática (didática da filosofia – filosofia do ensino da filosofia), como saber/disciplina pela comunidade filosófica. Nesse texto, não faremos uma análise capaz de dar conta de tal questão, mas na sequência tratamos de

problematizar sobre os sentidos e os modos como a didática é nomeada pelos/as professores/as que participaram da pesquisa¹⁷.

Didática da filosofia – Ensino de Filosofia: relações e especificidades

Sobre a didática da filosofia como um possível campo de saber os/as colegas se referiram a um potencial começo de sua configuração, considerando a emergência de um conjunto de estudos mais expressivo desde a expansão de cursos de licenciatura e de pós-graduação em filosofia. A partir de 2008 a obrigatoriedade da disciplina no currículo do ensino médio, segundo os professores Marcos Von Zuben e Rodrigo Marcos de Jesus demarca um momento importante desta expansão. Embora não tenha sido mencionada a qual pós-graduação em filosofia se referem, trata-se, na verdade, do Mestrado Profissional em Filosofia, PROF-FILO, iniciado no ano de 2017¹⁸. Com sua implementação houve um

¹⁷ O formulário *google docs* enviado à lista de e-mails do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar foi respondido por 23 professores e professoras. Não foram feitas perguntas, mas indicadas as seguintes expressões para que manifestassem seu entendimento: Didática; Didática da filosofia; Ensino da Filosofia; Metodologia do Ensino da Filosofia; Prática de Ensino de Filosofia; Estágio Supervisionado em Filosofia. Neste texto não apresentamos a análise sobre todas as expressões propostas.

¹⁸ Segundo Patrícia Del Nero Velasco, em seu artigo “O que é isto – o PROF-FILO?”, esclarece: “O Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), como expresso em seu Regulamento Nacional, ‘é um programa de pós-graduação destinado a ofertar curso de mestrado em filosofia, na modalidade mestrado profissional, em rede, com abrangência nacional, e tem como público os professores de filosofia na Educação Básica, preferencialmente aqueles que atuam nas escolas das redes públicas de ensino’. Objetiva-se ‘uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da filosofia, em especial no Ensino Médio’ e, por conseguinte, a melhoria da qualidade do ensino de filosofia na Educação Básica” (VELASCO, 2019, p. 85). Conforme a autora, em

crescimento significativo de pesquisas e consequentes publicações sobre o tema nos últimos anos no Brasil. No entanto, a distinção entre Ensino da Filosofia e didática da filosofia me pareceu necessária, pois desde já indico que os considero campos de saber diferentes. De modo majoritário, o conjunto de professores identificaram Ensino da Filosofia como uma *área de saber* abrangente, que abrigaria a didática da filosofia, entendida como uma subárea. Esta é também a compreensão da professora Patrícia Del Nero Velasco, a partir de sua pesquisa de pós-doutorado, realizada no ano de 2019.

Considerando o crescimento da produção bibliográfica e técnica sobre de ensino da filosofia no Brasil, entre os anos 2008 e 2018, Patrícia Velasco (2021, p. 3) afirma ser possível considerar ensino da filosofia “como área de conhecimento: um campo epistemológico e profissional autônomo”, que abrigaria os seguintes temas:

que conteúdos devem ser ministrados? Que metodologias de ensino devem ser adotadas? Para qual nível de ensino? De que escola estamos falando? Que recursos didáticos serão adotados? Que tipo de avaliação será realizada? Qual a formação filosófica pretendida? Qual contribuição desta formação para a formação integral do/a estudante? E, por fim: que formação docente é necessária para que a futura professora e o futuro professor possam responder de maneira própria e apropriada todas essas perguntas? (VELASCO, 2021, p. 8).

2018 participavam 16 universidades da rede de instituições que ofereciam o mestrado profissional em filosofia.

Estas questões denotam uma abrangência que não se verifica quando se trata de pensar a didática da filosofia, ela própria tomada pela autora como objeto de investigação da área ensino da filosofia. Didática da filosofia, nas condições em que se encontram as pesquisas produzidas por pesquisadores/as individuais ou por grupos, ainda está distante de se constituir em um discurso com estatuto epistemológico definido e consolidado no meio acadêmico brasileiro.

A área Ensino da Filosofia está se consolidando; tem havido empenho de professores e professoras que, de dentro dos cursos e departamentos de filosofia, têm se tornado sensíveis à realização de pesquisas, especialmente no âmbito do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO. No entanto, tais condições não foram suficientes, ainda, para que tenha sido reconhecido como uma área “pelas agências de fomento e pelos programas de graduação e pós-graduação” (VELASCO, 2021, p. 23). Isso significa dizer que as lutas por reconhecimento e as tentativas de adentrar à ordem discursiva acadêmica científica seguem em movimento. A comunidade filosófica se articula em relações de poder e de disputas sobre o que pode ou não pode ser objeto de pesquisa no interior dos cursos de pós-graduação em filosofia, ou seja, o que é permitido dizer e quem ali pode dizê-lo.

Na seção seguinte nosso propósito é discorrer sobre as ponderações feitas pelos/as colegas no questionário compartilhado, de modo a compor um quadro inicial sobre o sentido da didática/didática da filosofia no discurso da comunidade filosófica nos dias atuais.

A didática não trata apenas de métodos e técnicas de ensinar

Ao se referirem à didática da filosofia três professores/as chamaram atenção para o fato de que seu objetivo não é apenas indicar técnicas e métodos de ensino para aulas nas escolas de ensino médio. Demarcam, pois, seu distanciamento de uma compreensão de didática que marcou grande parte de sua história na universidade brasileira, ou seja, a didática como técnica ou arte – universal – de ensinar tudo a todos¹⁹. Os excertos que seguem enunciam tal deslocamento de sentido:

Tenho certeza que a ideia ‘quem sabe, sabe ensinar’ é uma ilusão, e nós professores de filosofia da academia ainda estamos devendo muito quando o assunto é o Ensino como conceito ou a Didática como uma ciência que precisa ser valorizada. (Professor Alécio Donizete da Silva – grifos nossos).

¹⁹ Comenius publicou sua obra, Didática Magna, em 1657, cujo objetivo era, na perspectiva de José Mário Pires Azanha (1992, p. 38), “implantar, no campo da educação, a reforma pretendida por Bacon no domínio das ciências. Assim como para Bacon fazer ciência era aplicar um método, também para Comênio educar ou ensinar era a aplicação de um método”. Na educação sua principal herança foi, então, a reivindicação da centralidade do método em todo o ensino.

Considero que a Didática (geral) não trata apenas de técnicas e métodos de ensino; antes, faz parte e tem implicações com o conjunto de preocupações que dizem respeito às finalidades da educação, ao projeto pedagógico da escola e seu entorno social, com o currículo escolar, com os aspectos cognitivos relacionados à aprendizagem e com os aspectos epistemológicos das disciplinas da educação básica. (Professora Maria Cristina Teobaldo – grifos nossos).

Avalio que a didática não seja algo universal, como uma técnica única a ser internalizada e aplicada e/ou reproduzida em qualquer área do conhecimento. [...] No caso da filosofia, acredito ser um reducionismo pensar a questão didática como uma técnica responsável por tornar possível a transmissão de conteúdos produzidos por outros: os filósofos ou pesquisadores. Ao abandonar essa perspectiva limitadora [...] abre-se a possibilidade para ver a didática filosófica como um genuíno problema filosófico a ser tratado e avaliado pela própria indagação filosófica. (Professora Michele Silvestre Cabral- grifos nossos).

Ao nomear a didática como uma disciplina que não trata apenas de métodos e de técnicas de ensino; que não é uma “técnica única a ser internalizada e aplicada”, mas que é uma “ciência que precisa ser valorizada nos cursos de filosofia”, professores e professoras se distanciam daquele sentido que fixou sua identidade no meio universitário brasileiro. A identidade da didática a qual me refiro é expressa nas críticas que lhe foram endereçadas, tais como: dar ênfase às preocupações de ordem prática, ao fazer em sala de aula, as normas e técnicas a serem seguidas no processo do ensino com a

promessa de bom desempenho (sucesso) dos/as estudantes. Por fim, o conteúdo da didática, como afirma Osvaldo Rays (2004, p. 46), “assume características de um saber-fazer atomizado, que, em nome de uma metodologia eficiente e eficaz dilui a definição dos valores, propósitos e razões de projeto educativo mais substancial”.

Para os/as participantes de nossa pesquisa, a didática é nomeada como um saber que ultrapassa a dimensão técnica; também diz respeito a ideias e aos conceitos acerca das finalidades da educação, do currículo escolar e dos “aspectos cognitivos relacionados à aprendizagem e com os aspectos epistemológicos das disciplinas da educação básica”, como diz a professora Maria Cristina Teobaldo, no excerto acima. O “como fazer” em sala de aula é concebido como um ato que se alicerça em uma visão de mundo que supõe abertura para os saberes das ciências da educação, enfatiza o professor José Benedito de Almeida Junior.

Entendo por didática, uma área do conhecimento que estuda os aspectos gerais dos processos de ensino e os de aprendizagem. O que inclui questões de caráter histórico, sociológico e filosóficos da educação trabalhados de forma interdisciplinar com estas áreas específicas. (Professor José Benedito de Almeida Junior)

Didática é definida como um saber sobre o ensino e a aprendizagem escolar, que demanda a conexão com outros saberes, de outras áreas de conhecimento. O ato pedagógico, que ocorre na sala de aula, é descrito como situado em contextos específicos, sociais, culturais, entre sujeitos concretos, que precisam ser

reconhecidos em suas relações com a escola e com os diferentes saberes escolares, no caso, em especial, com a filosofia. Tem, em uma dimensão ampla, a tarefa de responder ao “campo prático do ensino”, aos seus métodos e ao planejamento, que devem estar sustentados em princípios teóricos que precisam ser reconhecidos e analisados por professores e professoras responsáveis pela tarefa de ensinar. A prática de sala de aula é fundamental, mas uma dimensão teórica, de caráter compreensivo, emerge como alicerce da ação docente. Dessa forma, o modo como se ensina não é tomado como independente daquilo que é ensinado, de onde é ensinado e a quem se ensina.

“[...] a didática tem como objeto o campo prático do ensino. Examina os princípios teóricos implicados no ato de ensinar, os métodos de ensino, as formas de aprendizagem e as relações estabelecidas entre docente, estudante e objetos de conhecimento. Sendo assim, a didática é reflexão acerca do ensino, envolvendo tanto análise dos fundamentos do ensino e da aprendizagem quanto o desenvolvimento dos procedimentos de ensino”. (Professor Rodrigo Marcos de Jesus – grifos nossos)

Exame de princípios do ato de ensinar; reflexão sobre o ensino; análise dos fundamentos do ensino e da aprendizagem – tarefas que pressupõem aproximação com saberes da Educação e da Filosofia. Oferecer referências conceituais para pensar sobre o sentido do ensinar; sobre como se aprende; quando se aprende; sobre as condições da aprendizagem. Os contextos socioculturais da

aprendizagem são questões que não são esgotadas pela reflexão didática, mas dela fazem parte de modo a constituir quadros compreensivos e propositivos para a ação pedagógica na escola. Como escreve a professora Ângela Zamora Cilento, a didática “tem por pressuposto uma ‘weltanschauung’, que abriga duas dimensões – a pedagógica e a política no recorte e na seleção de conteúdos [...]”. Deste modo, tal compreensão assume relação de proximidade com a de José Carlos Libâneo (2013, p. 55), que define o ensino em situação escolar, mais especificamente, a sala de aula como sendo o objeto da didática. A sala de aula demanda pensar a relação entre quem ensina, professor/a; a matéria a ser ensinada e aquele/a a quem se ensina; relações com contextos sociais, culturais, bem como com aspectos subjetivos individuais dos sujeitos envolvidos. “O processo do ensino [...] inclui: os conteúdos dos programas e dos livros didáticos, os métodos e formas organizativas do ensino, as atividades do professor e dos alunos e as diretrizes que regulam o orientam esse processo” (LIBÂNEO, 2013, p. 55).

Métodos, práticas, conceitos – tudo é didática da filosofia

De modo mais específico sobre didática da filosofia, docentes que ministram a disciplina declararam sua importância na formação inicial e, de modo breve, apresentaram seu entendimento acerca de sua tarefa, seus objetivos, os temas e problemas que a constituem. Destaco de início, a percepção de uma professora sobre as tensões entre o discurso filosófico e o discurso didático vividas pela comunidade filosófica.

[...] Entendo que a **precariedade e a secundarização que a didática tem na formação do filósofo não tem a ver com a velha discussão sobre o quanto os filósofos desvalorizam a educação**, mas com algo mais profundo; para se dar valor positivo à didática é necessário um pressuposto, uma condição: é preciso querer que todos compartilhem, experimentem, acessem o conhecimento e pensamento filosófico”. (Professora Suze Piza – grifos nossos).

A afirmação da “precariedade” e da “secundarização” da didática na formação do/a filósofo/a dá continuidade ao discurso que persiste desde a constituição dos cursos de licenciatura no Brasil. Dizer da precariedade da didática na formação do filósofo é dizer que sua presença foi “escassa, incerta, frágil”, pois tal adjetivação indica “falta, insuficiência, imperfeição, deficiência”²⁰. Na mesma linha, o significado de secundário diz de algo “que é de segunda ordem ou ocupa o segundo lugar em ordem de graduação ou qualidade, relativamente a outrem ou outro [...]”²¹. Declarar, pois, a didática como sendo secundária na formação do filósofo é dar-lhe a denominação de um saber/disciplina que é acessório, inferior, coadjuvante, intermediário. Tal declaração repete os ditos sobre relações entre Didática e Filosofia e, assim, dá certa visibilidade à ordem do discurso científico/universitário, que também se expressa na sequência argumentativa do excerto: “a velha discussão sobre o quanto os filósofos desvalorizam a educação”. Embora a explicação de tal atitude possa ser encontrada em outros motivos, como diz a

²⁰ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/precariedade/>. Acesso em: 28 out. 2020.

²¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/secundario/>. Acesso em: 28 out. 2020.

professora, chamo atenção que a declaração lembra de algo que nos acompanha, que já está na ordem do sabido, que é uma verdade que nos guia desde há muito tempo.

O próximo excerto inicia dizendo que a didática não é só técnica, não é só método - um dito sempre necessário a ser lembrado, pois se trata dar um outro significado para algo tão marcado pela instrumentalidade e pela assepsia das técnicas de ensino. A didática da filosofia passa a ser nomeada como conceitual e, então, não mais colocada na ordem da falta e do precário; ela implica discussões filosóficas e metafisológicas; tudo o que pensamos e fazemos em didática da filosofia principia pelo sentido que damos à filosofia, que não é uma, não é a filosofia; são múltiplas as filosofias, no plural. Sua dimensão teórica e conceitual é acionada com a tarefa que deve assumir, ou seja, pensar filosoficamente o conceito de ensino, não deixando de lado a importância do diálogo entre a tradição educacional e a tradição filosófica.

A didática da filosofia, [além dos aspectos relativos à didática geral] **discussões filosóficas e metafisológicas**; uma vez que a própria concepção de filosofia e de filosofar é controversa, **a didática da filosofia não pode se abster da problemática: que filosofia (s) e/ou filosofar(es) ensinar?** Toda a reflexão e todo planejamento da ação pedagógica, em Filosofia, não escapam do confronto desta questão. (Professora Patrícia de Nero Velasco – grifos nossos).

Nos excertos que seguem, destaco primeiramente que o diálogo entre filosofia e didática é novamente colocado em

evidência, agora não mais com o sentido de uma necessidade ou de uma condição a ser cumprida, mas como já fazendo parte de sua identidade, pois no campo da didática da filosofia “há um diálogo intenso” entre as duas áreas. Também, como declara o professor Rodrigo Marcos de Jesus, a didática da filosofia se constitui na dependência do sentido que cada docente dá à filosofia, como a compreendem: como história, como problema ou como filosofar. Da resposta à pergunta sobre o que é filosofia brotam os “procedimentos de ensino da filosofia” que são colocados em ação na escola.

“[...] a didática da filosofia é aquele [campo] no qual há um diálogo intenso entre os conteúdos de filosofia e os conteúdos de didática, especialmente em relação a ações práticas como elaborar aulas, avaliações, atividades em sala de aula e outras, ou seja, é um como se ensina filosofia a partir do diálogo com a tradição didática e pedagógica”. (Professor José Benedito de Almeida Junior – grifos nossos).

A didática da filosofia articula as reflexões e os procedimentos de ensino em geral com as questões e os procedimentos de ensino da filosofia em específico. [...] **pressupõe uma abordagem filosófica do próprio conceito de filosofia, da história da filosofia, dos problemas em filosofia e dos modos de filosofar.** (Professor Rodrigo Marcos de Jesus - grifos nossos).

A didática da filosofia é referida como um saber que se ocupa dos conceitos: ensino, filosofia, filosofar; indaga seus sentidos; os toma como problema para só então, considerar a prática docente. Dessa forma, articula reflexões e procedimentos de ensino, tais como planejamento de aulas, atividades, avaliação; não é tomada como um saber técnico e instrumental apenas. É, pois, uma disciplina teórica e reflexiva, que se constitui no exercício de problematização sobre o seu próprio conteúdo. O professor Flávio Carvalho concebe a didática da filosofia como “responsável por investigar a relação entre as diversas concepções de Filosofia e suas implicações no modus operandi do processo de ensino da Filosofia”. O professor Marcos Von Zuben comunga, também, dessa perspectiva: “[...] a didática da filosofia se depara necessariamente com o problema do sentido do filosofar, da ideia que se tem da filosofia, condição para se pensar em ensino e aprendizagem específicos da filosofia”.

De forma recorrente, professores e professoras enunciam que o modo como compreendem e praticam a filosofia é definidor de um modo de ensiná-la na escola. Não se trataria apenas de ensinar “conteúdos” da filosofia, mas principalmente, de ensinar um modo de entender, de praticar e de viver a filosofia no próprio ato de seu ensino, na sala de aula. Este enunciado é proferido por Alejandro Cerletti (2009, p. 17), em seu livro *Ensino de filosofia como problema filosófico*, que é uma referência central em grande parte dos cursos de licenciatura em filosofia no Brasil. Diz Cerletti - “o que se considera ser basicamente a filosofia deveria expressar-se de alguma maneira em seu ensino, se se deseja estabelecer alguma continuidade entre o que se diz e o que se faz em um curso”. Ou, dito de outro modo, o vínculo que cada professor e professora “estabelece com a filosofia é

substancial a todo o ensino” (CERLETTI, 2009, p. 18) – por isso, o ensino da filosofia é, antes de tudo, um problema filosófico.

Nos ocupamos acima em dar visibilidade a enunciados que dizem da didática da filosofia como um saber conceitual e filosófico que, por isso, mereceria reconhecimento da comunidade filosófica. Reforçar e demarcar sua dimensão teórica e reflexiva se insere no movimento discursivo que a desloca do sentido hegemônico que assumiu no campo universitário, ou seja, de um caráter instrumental e procedimental. Assim, professores e professoras de departamentos de filosofia, aos poucos, sentiram-se autorizados a assumir uma posição mais confortável para tratarem do tema e ministrarem a disciplina. É preciso salientar, no entanto, que a expressão que nomeia esta ação na maioria das vezes não é “didática da filosofia”, mas ensino da filosofia, o qual abarcaria as questões próprias de uma dimensão didática, mas a ultrapassaria e nela abrigaria outras tantas referências, conforme já mencionamos em outro momento deste texto.

Todavia, há também a recorrência de afirmações que destacam a dimensão prática da didática da filosofia, que diz respeito ao trabalho docente em sala de aula. A professora Débora Mariz faz essa referência ao dizer que a didática da filosofia “compreende saberes, competências e habilidades. [...] pressupõe os procedimentos didáticos e os processos cognitivos presentes no ensino de filosofia, assim envolve conteúdos e métodos de ensino”. Também o professor André La Salvia afirma: “[...] entendo a que a didática envolve uma série de técnicas, conhecimentos específicos, metodologias, enfim, toda uma multiplicidade de atividades que precisam estar na formação docente”. Se a dimensão teórica foi

ênfatisada pelos/as docentes, a dimensão prática da didática da filosofia não foi apagada. A emergência de novos enunciados acerca da disciplina/saber filosofia não se fez ao custo de retirá-la do âmbito das técnicas, dos métodos e dos procedimentos. Deste modo, afirmam que a tarefa de ensinar, na escola, demanda o reconhecimento de atividades: planejamento, execução, uso de certas técnicas, de procedimentos, recursos e métodos. A relação entre pensamento e ação constitui a didática da filosofia; não no sentido de que esta ação (docente) seja o resultado engessado de uma ideia, de uma concepção, de um plano, ou seja, de uma aplicação. Assim, pode-se afirmar que nomeiam a didática da filosofia como um saber vinculado às práticas concretas da docência, que é sempre marcada pela complexidade e aberta ao imprevisto.

Considerações Finais

“[...] embora tenhamos cursos de graduação em filosofia em praticamente todas as unidades da federação [...] e que em sua maioria esses cursos oferecem a licenciatura, o descompromisso com a formação do professor de filosofia é gritante, salvo honrosas exceções muito localizadas. **O resultado de todo esse processo e essa história é que entre nós se desenvolveu muito pouco o campo de estudos e pesquisas em torno de uma didática da filosofia. À diferença de países como França, Itália, Portugal, Uruguai e Argentina, por exemplo, no Brasil temos pouquíssima pesquisa, produção quase nula e nenhuma tradição nesse campo.** A formação do professor de filosofia, quando se dá, acontece por esforço e mérito de professores universitários de disciplinas como ‘metodologia do ensino de filosofia’ e/ou ‘prática de ensino em filosofia/estágio

supervisionado’, isolados nas instituições em que atuam. Ou então acabam ficando a cargo do próprio licenciando [...]”.

(GALLO apud RODRIGO, 2009, p. 29-30, grifos nossos)

Por que no Brasil “se desenvolveu muito pouco o campo de estudos e pesquisas em torno de uma didática da filosofia”? escreve Silvio Gallo. Esta pergunta nos deu a pensar e orientou, em grande medida, o texto que estamos finalizando. Em lugar da expressão “didática da filosofia” poderia ter sido utilizada a expressão “ensino da filosofia”, mas o autor lhe deu destaque ao prefaciador o livro cujo título demarca a docência na escola – *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*, da professora Lídia Maria Rodrigo – “[...] o primeiro livro de didática da filosofia produzido entre nós em muitas décadas” (RODRIGO, 2009, p. 30). Em 2012 seria o próprio prefaciador, Silvio Gallo, a escrever seu livro *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*; o segundo livro em muitas décadas. Esta situação não nos autoriza a dizer que outros tantos textos publicados como capítulos de livros e artigos em periódicos não tenham tratado sobre os desafios do ensino da filosofia, proposto sugestões de metodologias e de atividades e realizado reflexões sobre a filosofia na escola. O que aqui afirmo é que há diferença entre “os campos” - ensino da filosofia e didática da filosofia, mesmo com interfaces e aproximações que lhe são inerentes. Essa diferença é demarcada pelas relações que se dão com o campo maior das ciências da educação e da didática (geral) que, em meu ponto de vista, permanece ainda pouco visível no discurso colocado em circulação pelos/as envolvidos/as com a temática.

O destaque aqui dado à expressão didática da filosofia tem sua razão de ser; primeiro, o reconhecimento de que é um saber e uma disciplina com especificidade que precisa ser explicitada. Esta especificidade, para aparecer, no entanto, precisa ser depurada de sentidos que marcaram a história da didática (em geral) no Brasil, desde os anos 1930, ou seja, um saber/disciplina que trataria apenas do “como ensinar?”; que se preocuparia em indicar o melhor método para a obtenção de resultados satisfatórios de aprendizagem; uma prática sem teoria e, por isso, com pouco ou nenhum valor na formação de professores e professoras. As afirmações dos/as participantes de nossa pesquisa indicam, no entanto, que um outro modo de dizer sobre a didática e didática da filosofia vem sendo acionado, no qual é afirmada sua dimensão conceitual constituída pelo modo como a filosofia é concebida, sempre marcada pela sua pluralidade de compreensões e sentidos.

A afirmação da didática da filosofia no meio acadêmico, ao longo do tempo tornou possível sua formulação em outra perspectiva - uma didática filosófica ou, melhor, uma “filosofia do ensino de filosofia”. Entretanto, o que se diz e se produz como filosofia do ensino de filosofia está ainda em construção. Como saber e como disciplina, a didática da filosofia tem dirigido seus movimentos em busca de sua identidade no vasto território dos estudos sobre ensino da filosofia. Parece-me que essas condições poderão tornar possível em um período não tão longo a constituição de uma certa tradição no campo da didática da filosofia, ou da filosofia do ensino da filosofia, como alerta a epígrafe escolhida para estas considerações finais.

Referências

AZANHA, José Mário Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1992.

BARRIGA, Ángel Diaz. La investigación en el campo de la didáctica. Modelos históricos. **Perfiles Educativos**, Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, Distrito Federal, México, n. 80, jan./jun. 1998.

BRASIL. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior - Cadastro e-MEC**. Cursos de Filosofia. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 11.684**, de 02 de julho de 2008. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11684&ano=2008&ato=da1MTW61UNRpWTa34>. Acesso em: 05 jan. 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação. **Lei 5.540**, 28 de novembro de 1968.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. **RESOLUÇÃO CNE/CP 2**, 19 de fevereiro de 2002.
CERLETTI, Alejandro. **O ensino da filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte/MG: Autêntica Editora, 2009.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/precariedade/>. Acesso em: 28 out. 2020.

FÁVERO, Altair; RAUBER, Jaime; KOHAN, Walter (org.). **Um olhar sobre o ensino de Filosofia**. (Apresentação). Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, 2002.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas/SP: Papyrus, 2012.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade**: o que faz um filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Edileusa Esteves; MACHADO, Lucília Regina de Souza. Reuni e Expansão Universitária na UFMG de 2008 a 2012. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 383-406, abr./jun. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623654765>.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009.

MATOS, Junot Cornélio. Discutindo a formação de professores de Filosofia. *In*: FÁVERO, Altair; RAUBER, Jaime; KOHAN, Walter (org.). **Um olhar sobre o ensino de Filosofia**. Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, 2002.

OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao ensino da filosofia**. Ijuí/RS: Editora UNIJUÍ, 2002. (coleção filosofia e ensino).

RAYS, Oswaldo Alonso. Pressupostos teóricos para o ensino da didática. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **A didática em questão**. 24. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

RIBAS, Maria Alice *et al.* (Org.). **Filosofia e ensino**: a filosofia na escola. Ijuí/RS: Editora UNIUUI, 2005.

RODRIGO, Lúdia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas/SP: Autores Associados, 2009.

TOMAZETTI, Elisete M. Produção discursiva sobre ensino e aprendizagem filosófica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 46, p. 83-98, Editora UFPR, out./dez. 2012.

VELASCO, Patrícia Del Nero. O estatuto epistemológico do Ensino de Filosofia: uma discussão da área a partir de seus autores e autoras. **Pro-Posições**, Campinas, SP, 2021 [no prelo].

VELASCO, Patrícia Del Nero. O que é isto – o PROF-FILO?. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 44, p. 76-107, jan./jun. 2019.